
MICARETA DE FEIRA SEMPRE A PRIMEIRA “NOVA METODOLOGIA SÓCIO CULTURAL”

Itamar Ribeiro de Souza*

RESUMO: Este trabalho é um estudo sobre a Micareta de Feira de Santana (carnaval fora de época), do passado ao presente. O que mudou na festança dos anos 1930 até agora 2009, das antigas marchinhas micaretas, tocadas por músicos com instrumentos de sopro nos bailes e nas ruas, até a chegada do trio elétrico, puxando seus blocos na escalada industrial. A cultura é a mesma ou evoluiu durante esse período e como os meios de comunicação (rádio, TV, *sites*, blogs, impresso) divulgam a festa.

PALAVRAS-CHAVE: Micareta; rádio; Trio Elétrico; blocos.

Índice

Introdução	1
1 Modernidade	3
2 Divulgação da festa	4
3 Análise – Comentada	5
4 Progresso e identidade	5
5 Palco Quilombola	6
6 Animação	6
7 Realeza da Micareta	6
Considerações Finais	6
Referências Bibliográficas	7

Introdução

DISTANTE da capital (Salvador) 108 km, Feira de Santana, conhecida como “Princesa do Sertão” é a segunda cidade mais populosa (622.639 habitantes) do estado, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2016) e a primeira cidade do interior da Bahia cortada pelas BRs, 101, 324, e 116, passagem de tráfego quem vem do norte e sul, do leste e oeste, do oeste e centro oeste e do nordeste, com destino para Salvador e outras importantes cidades nordestinas. Sua posição privilegiada geograficamente possui

um segmento diversificado nos setores do comércio, serviços, agropecuária, indústrias de transformação e na educação a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com 21 cursos, além de seis Faculdades particulares.

Cidade de poetas, Godofredo Filho, Eurico Alves, Juracy Dórea, Franklim Maxado (cordelista) e o músico Carlos Pita. Esses trovadores se apresentam no mercado de Arte Popular onde são expostos trabalhos do arquiteto e artista plástico Juracy Dórea.

A cidade mantém a tradição das festas populares a da Matriz: (novena de Senhora Santana), Expofeira (exposição anual de animais de raças, bovino, ovino, suíno, muars, - Parque de Exposições João Martins da Silva), a festa de Santo Antonio (frades Capuchinhos) e a micareta (carnaval fora de época no mês de abril), que teve origem na Bahia na cidade de Feira de Santana, conhecida também como “Princesa do Sertão”.

A Micareta de Feira foi criada por um grupo de inconformados, pela não realização do carnaval, impossibilitado por fortes chuvas no período carnavalesco. Com o passar do tempo, a festa se tornou uma das maiores manifestações populares do interior da Bahia. O nome deriva de uma festa

*Itamar Ribeiro de Souza, jornalista, escritor, professor acadêmico do curso de Comunicação Social das FACIIP – Faculdades Integradas Ipitanga.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

francesa, Mi-carême e desde os anos de 1990 vem se espalhando por várias capitais e cidades brasileiras, a partir do sucesso de sua realização em Feira de Santana.

É a primeira da história da Bahia. Criada em 1936 sob a batuta de Maneca Ferreira – o Maneca da Coletoria e do professor Antonio Garcia, a primeira micareta de Feira de Santana, mudou a rotina da cidade, passou a ser o carnaval do mês de abril. O objetivo é levar alegria e diversão às pessoas, incentivar o turismo na cidade, gerar empregos diretos, indiretos e proporcionar um marketing nos setores públicos e privados.

O primeiro dia da Micareta ocorreu em 27 de março de 1937, com bailes nos tradicionais clubes da cidade e nas sedes das filarmônicas feirenses, 25 de Março e Vitória, grupos folclóricos e bandinhas, Filhos do Sol, As melindrosas, Zé Pereira, Cruz Vermelha, Flor do Carnaval, animavam as principais ruas do centro da cidade, onde os foliões desfilavam com suas fantasias ou mascarados.

A festa teve como palco principal, as ruas centrais da cidade Conselheiro Franco (antiga rua Direita), Tertuliano Carneiro e as praças da Bandeira e João Pedreira, onde foi coroada, pelas autoridades da época, a primeira Rainha da Micareta a foliã Eunira Boaventura, acompanhada de suas princesas. A escolha da rainha e princesas foi concorrida, era um verdadeiro concurso de *Miss*. Em 1975 ocorreu a primeira eleição local, para o rei Momo da Micareta, não trazendo mais “Ferreirinha” o Rei Momo de Salvador. Nesse mesmo ano foram criados os primeiros camarotes e arquibancadas.

Ao longo dos 80 anos de existência, a micareta deixou de acontecer em razão da Segunda Guerra Mundial, em 1964 por conta do “Golpe Militar” – conhecido também como a Revolução de Março. Em 1945, não houve folia de rua, o clube 25 de Março publicou edital anunciando a realização de quatro grandes bailes, que seriam realizados em sua dependência.

A festa era presidida por uma comissão de pessoas notáveis da sociedade feirense, Antonio Garcia, João Bojô, Mestre Narcisio, Maneca Ferreira, Manuel de Emilia, Álvaro Moura, Arlindo Ferreira e seguidores como Oscar Marques, Gilberto Costa, Carlos Marques, Ildes Meireles, Joselito Julião Dias e tantos outros escolhidos para presidir-la. A maior micareta do Brasil cresceu e avançou.

No começo dos anos de 1970, na gestão do prefeito Newton Falcão foi criada, uma diretoria especial e assumiu totalmente a festa em 1971, “aposentando” as tradicionais comissões organizado-

ras, que, com o famoso “livro de ouro” visitavam pessoas e empresas em busca de recursos que bancavam a folia.

A cidade foi crescendo e a micareta acompanhou o progresso da cidade. Os bailes à fantasia trocaram os antigos clubes ‘25 de Março’ e ‘Vitória’, pelos amplos e modernos salões do Clube Euterpe Feirense, Feira Tênis Clube, Clube de Campo Cajueiro, Clube dos Comerciantes, Ali Babá, Clube dos Sargentos e Clube dos Trabalhadores. Os clubes frequentados pela alta sociedade feirense eram, o Feira Tênis Clube e o Clube de Campo Cajueiro, criaram os bailes pré-micaretescos, “Uma Noite no *Hawai*” e o “Caju de Ouro”, respectivamente.

Da imaginação do artista plástico *Charles Albert* (argentino – in-memorian), residente na cidade, surgiu os carros alegóricos todos enfeitados, que conduziam a rainha e princesas e desfilavam nas noites de micareta, pela avenida Getúlio Vargas durante seu reinado e eram aplaudidas pelo público. Conduziam as mortalhas do Bloco do Caju, Fetecê e Mendonça.

Ao longo do tempo a micareta foi se profissionalizando, começou o período do Trio Elétrico em 1954, com apresentação do Trio Paturi, criado por Péricles Soledade em parceria com José Urbano Cerqueira, fabricante de instrumentos da época. Ainda nos anos de 1950, os instrumentos potentes (trios elétricos) de Salvador, Tapajós, Jacaré e Ypiranga foram convidados para animar a festa.

Com a chegada dos trios elétricos, as marchinhas dos compositores (Alpiniano Reis, Honorato Bonfim, Estevam Moura, Gastão Guimarães, Eliziário Santana, entre outros), saíram de cena dando espaço aos novos talentos, Ivete Sangalo, Bel Marques, Dilma Ferreira, Djalma Ferreira e tantos outros. As escolas de samba e os cordões abriam alas para Malandros do Morro, Unidos de Padre Ovídio, Império Feirense, Os formidáveis e Marquês de Sapucaí. Faziam parte da geração de compositores da terra, Carlos Pita, Beto Pitombo, Edson Bonfim e Vadu, pregando o grito de liberdade.

Antes de iniciar a festa micaretasca alguns eventos anunciavam sua chegada. Era o chamado “Grito de Micareta nos Bairros”, com os cantores locais, interpretando antigas e novas marchas, o Baile dos Artistas (1960), Bloco Zero Hora (jornalistas) que reúne os meios artístico-cultural e convidados ilustres.

1 Modernidade

Uma nova cultura foi implantada para preceder a festa. Os colunistas sociais Paulo Norberto, *Jornal Feira Noite & Dia* (Zé Coió), Christy Helmayd (in memoriam), o jornalista Antonio José Laranjeira reúnem foliões e cronistas sociais, artistas famosos da capital (Salvador) e do eixo Rio - São Paulo em período que antecede (duas semanas) a abertura oficial da festa. Esses famosos eventos pré-micaretescos que divulgam a chegada da Micareta, transformou-se em desenvolvimento e capital cultural.

“O recurso do capital cultural é parte da história do reconhecimento da insuficiência do investimento no capital físico durante os anos 1960, no capital humano dos anos 1980 e no capital social dos anos 1990. Cada nova noção de capital foi projetada como um meio de melhorar algumas falhas de desenvolvimento na estrutura precedente” (Yúdice, George, p.22).

Oficialmente a Micareta de Feira de Santana, começa na noite de quinta-feira e termina no domingo a noite, mas, se estende até as primeiras horas da segunda-feira. Os profissionais de imprensa antecipam seu momento de folia. Na meia noite de quarta-feira o primeiro bloco a desfilar é o Zero Hora, que abre o festejo, com a presença dos profissionais de imprensa e ao longo da avenida Presidente Dutra se misturam com familiares, amigos, convidados e populares.

Durante os quatro dias de momo, grandes atrações se apresentam, Chiclete com Banana, Asa de Águia, Daniela Mercury, Carlinhos Brown, Margaret Menezes, Xêro Mole e Adão Negro desfilam na avenida Presidente Dutra, puxando os blocos micaretescos (Furacão, Bafo de Baco entre outros) frequentados pela camada média/alta. Outra população beneficiada com a festa pelo erário público são os grupos afro-descendentes e de matrizes africanas e a comunidade em geral que utilizam os espaço Kilombolas, Charles Albert (baile para as crianças e à terceira idade) na Praça da Kallilândia, com a animação das bandas elétrica, Sóbebo – fanfarra, Trote – Amanda Santiago, Nacola – Negra Cor, com Adelmo Casé, Amigos do Tio Zé – fanfarra, Casa do Samba – com Audácia Pura e Paulinho Sucesso, Coco e Cia – com banda Connect, que se apresentaram na micareta de 2009.

No percurso da festa os artistas trabalham seus corpos, como objetos, manipulam como se fosse

uma escultura ou em forma de versos, e fazem demonstrações ao público como se estivessem num picadeiro de um circo “com o corpo no espaço” e dão shows de coreografia no circuito da festa.

“Ao mesmo tempo em que esses artistas trabalhavam seus corpos como objetos, manipulando-os como o fariam com uma escultura ou um poema, outros vinham desenvolvendo performances mais estruturadas, que exploravam o corpo como um elemento no espaço”. (Goldberg, Roseler, p. 149).

Com o crescimento da população e a presença de turistas que visitam a cidade nessa época, a festa teve várias mudanças de local, a fim de oferecer conforto aos foliões. A avenida Getúlio Vargas, foi palco dos folguedos por vários anos, a partir do ano de 2000 a folia é realizada na avenida Presidente Dutra e o espaço ganhou o nome de “Circuito Maneca Ferreira” em homenagem a um dos criadores da festa.

Além de ser uma folia lúdica, gera negócios para o comércio em geral e aquece o mercado informal, estimula a produção industrial em produto estético na confecção de roupas apropriadas (abadás, bonés, viseiras, etc.) para o período da festança, em cada edição cria sua própria moda, novas marcas e *design*. É uma verdadeira rede de consumo de massa, o que se produz é vendido, alguns com antecedência (abadás).

“Esse posicionamento histórico, ligado à denominação ‘moderno’, bastará por enquanto para sugerir os conteúdos nacionais que acabamos de mencionar: o gosto pela novidade, a recusa do passado qualificado de acadêmico, a posição ambivalente de uma arte ao mesmo tempo da ‘moda’ (efêmera) e substancial (a eternidade). Assim situada, a arte moderna é característica de um período econômico bem definido, o da era industrial, de seu desenvolvimento, de seu resultado extremo em sociedade de consumo[...] engajamento no circuito do consumo de massa, o resvalar do status de obra de arte em direção ao de ‘produto’ e, paralelamente a transformação (ou o ‘travestimento’ do produto industrial em produto estético. Tudo que é produzido deve ser consumido, para ser renovado e consu-

mido novamente. (Cauquelin, 2005 p.p. 27,28).

A cidade se transforma, gera emprego e renda antes e durante os dias da festa. Os leitos dos hotéis e pousadas são comprados pelos turistas antes do festejo, residências são ocupadas por amigos, familiares e há quem disponibilize residência, para ganhar um dinheiro extra, alugando quartos ou o imóvel completo (frigobar, camas, ventiladores, etc), durante o período da festa.

O comércio não é diferente, as vendas aquecem, os foliões vão à busca de fantasias, calçados apropriados para brincar durante a festa, a indústria de bebidas produz em alta escala, as operadoras de turismo são consultadas, fecham pacotes (passagem, traslado, acomodações) com turistas, o agronegócio marca presença através da mídia, o mercado informal é aquecido, os investidores extraem proveito financeiro durante a festança e o município se destaca na mídia nacional através dos meios de comunicação.

Com a modernidade e o avanço tecnológico a festa acompanhou o desenvolvimento, não mais seguindo as décadas de 1920, 1950, 1960. Hoje no século XXI, o “carnaval de abril” é semelhante ao de Salvador. Os trios elétricos puxam os blocos, os camarotes são confortáveis para um pequeno número, uma reivindicação de certos grupos sociais e a população assiste o cortejo dos blocos micaretescos em arquibancadas, outros espalhados pela avenida principal da festa. Comparando o início da Micareta da década de 1930 ao final da década de 2000 houve uma adesão à cultura o que denominamos de modernidade ou de sócio-histórica.

“A modernidade, termo abstrato, designa o conjunto dos traços da sociedade e da cultura que podem ser detectados em um momento determinado, em uma determinada sociedade. A esse título, o termo ‘modernidade’ pode ser aplicado da mesma forma à época que nos é contemporânea, agora em 1991 (nossa modernidade é 1991), como poderia ser aplicado a qualquer outra época, do momento em que a adesão à cultura dessa época fosse reivindicada. Assim, há uma modernidade de 1920, de 1950 ou de 1960. A única observação a ser feita aqui sobre o emprego do termo é de ordem sócio-histórica: foi só recentemente na história que a ‘modernidade’ passou a ser reivindicada por

certos grupos sociais”. (Cauquelin, 2005 p.25).

A festa faz parte do calendário de eventos da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer do município e a data da festança é escolhida através do Conselho Municipal de Festas Populares. São da responsabilidade da secretaria, o planejamento e a execução. Após a definição da data, a secretaria dá início a divulgação através dos meios de comunicação de massa, como feito de anunciar a folia e vender o produto conhecido como “Micareta”, através das emissoras de rádio, TV, blogs e jornais.

2 Divulgação da festa

A festa “micareta” no ano de 2009 foi realizada entre os dias 17 a 20 de abril a divulgação se deu através da rádio Sociedade de Feira de Santana-AM -970 KWZ e outras emissoras AM e FM, TV Subaé, Blogs e Sites. O programa *Acorda Cidade* que vai ao ar diariamente das 6 às 9h divulgou a festa durante o período de noventa dias, através de jingles e testemunhal.

Às sextas-feiras às 8h30, o programa *Acorda Cidade* da Rádio Sociedade de Feira, apresenta o quadro cultural com duração de 15 minutos denominado de “Qual é a boa”, produzido à época pela jornalista Lineia Fernandes, com entrevistas e entretenimento, trazendo novidades do final de semana. Durante esse período (Micareta), sua produção é voltada para a festa e vão à busca de entrevistas com as grandes atrações (Ivete Sangalo, Margareth Menezes, Durval Lélis) e outros artistas contratados pelos blocos e o erário público e consegue trazer uma “palinha” (entrevistas) para os fãs. Ao longo do tempo diversos profissionais assumiram a produção do quadro cultural.

Outros artistas se apresentavam ao vivo é o caso de Adelmário Coelho, que se considera um feirense. Em entrevista (15 abril de 2009) ao repórter Dilton Coutinho do programa diário *Acorda Cidade* (6 às 9h), da Rádio Sociedade de Feira afirmou “o ‘Forró’, hoje é tocado em todo o tempo. Não existe mais ocasião específica é uma exigência do público, e quando bem tocado o folião vai ao delírio”. A TV Subaé às sextas-feiras em sua programação normal apresenta o quadro cultural no *Telejornal do Meio Dia*, e no período da Micareta dá ênfase aos artistas que proporcionam momentos de alegria no circuito da folia.

De acordo a jornalista Rose Leal, “pelo porte da festa que é, justifica propalar mais na mídia local, regional, nacional e internacional, a divulga-

ção da Micareta de Feira. Veículos como rádio, Televisão e *sites* começam a divulgar o evento, bem antes da festa, cumprindo assim, o seu papel, de informar a população, sobre a maior festa popular da cidade. ‘Mas acredito que deveria haver, especialmente por parte do poder público municipal, um trabalho mais amplo nacionalmente e até mesmo para o exterior (afinal, hoje temos a Internet que alcança o mundo inteiro)’. Falta, para mim, uma divulgação mais ampla e não apenas nos meses que antecedem a festa”.

3 Análise – Comentada

Analisando as entrevistas, dos convidados nos dois veículos de comunicação, notamos diferença na apresentação dos entrevistados no Rádio e na Televisão: o primeiro veículo (Radio) concedeu ao entrevistado um tempo maior, com interação dos fãs, o segundo exibiu para o público a entrevista e imagem do personagem com tempo reduzido.

Os veículos de comunicação (Rádio, TV), local e regional divulgaram o folgado e os artistas feirenses, não tiveram chance, de se apresentar em nenhum dos meios de comunicação antes da folia. Conhecido como músico da terra e que faz parte do circuito da festa, o cantor de REGAEE Tonho Dionorina, protestou porque ficou distante dos microfones.

Denominada como festa de todas as camadas dita pelos representantes do povo nos poderes (executivo e legislativo) não é bem assim. Há separação: os espaços de diversões são arrendados, quem tem poder aquisitivo (classe média/alta) brinca nos camarotes e nos blocos alternativos, quem não tem a mesma condição (folião pipoca) se diverte em espaço desigual. A elite, os artistas renomados, os intelectuais não participam, do mesmo sítio onde se manifesta os foliões de baixa renda.

Se a cultura significa as artes e a vida intelectual, então é cabível afirmar que ao fomentá-las, a elite cultural pode finalmente melhorar a sociedade como um todo. Mas se a cultura da classe alta inclui, digamos, os *Enclosure Acts* (atos de apropriação de terras) [...], é difícil ver como estes constituem um enriquecimento para todos os níveis sociais. (Eagleton, 2000, pp. 160-161).

De acordo Eliot:

A cultura vem enraizada do nascimento até a morte, e cultua ao lado de seus semelhantes, em seu território se vive de manhã à noite e às vezes dormindo sonha com suas tradições, isto é no inconsciente. A cultura nunca pode ser consciente.

“[...] o modo total de vida de um povo, do nascimento ao túmulo, da manhã até a noite e mesmo durante o sono... pois o essencial a respeito desse sentido de cultura [...] é que ela é muito mais inconsciente do que consciente... uma cultura [...] nunca pode ser consciente - existe nela sempre mais além daquilo de que estamos conscientes e ela não pode ser planejada porque é sempre o pano de fundo inconsciente do nosso planejamento” (Eagleton, 2000, p.161).

Na citação, Eliot afirma que a cultura vem enraizada do nascimento até a morte, não é bem assim. A cultura é um processo longo. Começa no ato do nascimento até a morte. A grandeza que o ser humano (homem/mulher) se desenvolve, o processo evolutivo da cultura vai sendo alcançada. Os gestos, os ensinamentos, o modo de viver se torna uma aprendizagem em que o cidadão vai examinando, aprendendo e absorvendo o que descobre.

4 Progresso e identidade

Um exemplo claro foi o nascimento da micareta de Feira de Santana, inicialmente transmitida para a população através de um serviço de alto faltante “SPR Constelação, a voz do sertão, falando diretamente da marquise da Loja Pires para onde abrangue toda a sua rede sonora, (serviços de som fixo), que narrava às folias registradas nas ruas – qual era a atração. A festa não é mais no local onde se realizou os primeiros bailes, hoje, a folia é numa grande avenida com pavimentação asfáltica e mais de 5 km de extensão, o folgado é diferente e divulgado nos veículos de comunicação (TV, rádio, *sites*, entre outros).

A festança é toda eletrizada, os sítios são privados (camarotes) e com glamour mais açodado. O modelo de outrora não se pratica mais. A cultura vai se modificando e com o avanço da ciência, da tecnologia, o ser humano vai se *endoculturando*, a sociedade vai se desenvolvendo e os grupos sociais, em via de desagregação e a comunicação, cada vez mais sofisticada, através da conexão, isto é um conjunto extensível de rede multipolar e numerosa,

competindo internacionalmente. Com o desenvolvimento tecnológico, dois princípios são essenciais: o do progresso e o da identidade.

“[...] cada vez mais sofisticados e numerosos, têm-se submetido à competição internacional e passaram a funcionar como uma necessidade social: estão encarregados de assegurar, ao mesmo tempo, o nível tecnológico no qual se reconhece uma sociedade desenvolvida e a unidade dos grupos sociais em vias de desagregação. A tecnologia se encarrega, então, de dois princípios essenciais: o do progresso e o da identidade”

“Em termos de comunicação, a rede é um sistema de ligações multipolar no qual pode ser conectado um número não definido de entradas, cada ponto da rede geral podendo servir de partida para outras microrredes. Isso é o mesmo que dizer que o conjunto é extensível. [...] Entrar em uma rede significa ter acesso a todos os pontos do conjunto, a conexão operando à maneira das sinapses no sistema neural”. (Cauquelin, 2005 p.p. 57,58,59).

5 Palco Quilombola

Ao longo dos anos a micareta de Feira de Santana vem se modernizando. Esse ano (2017), um dos palcos tradicionais da festa foi o Palco Quilombola, que teve trinta e seis atrações, de diversos estilos musicais, nos quatro dias da festa momesca. No primeiro dia (18/05), seis bandas musicais se apresentaram no palco, Oz Pallas, Dinho Mortadela, Dionorina, Beto Maravilha, Viola de Doze e Abordagem, no dia seguinte (19) apresentação dos shows de Axé Neto de Ghandy, Tava Escrito, Audácia Pura, Libú do Reggae, Diamba, Art Samba e Som de Feira, nos dias 20 (sábado) e domingo (21/5) Terra Samba, Zé das Congas, Gilsam, Papel de Seda, Mania de Guetto e muitas outras. O palco Quilombola esse ano (2017) foi transferido para a rua Vasco Filho por motivo de obras estruturantes (BRT) no tradicional local, o período da festa teve início dia 18 e terminou no dia 21 de maio.

No circuito Quilombola os blocos afros, afoxés e escolas de samba deram brilho à festança. Esse ano (2017), o desfile começou às 19h do dia 19/5, com a animação de Brasil Meu Samba e mais qua-

torze agremiações que passaram pela avenida Presidente Dutra com a rua Comandante Almiro, indo até a avenida Maria Quitéria. O Afoxé Filhos da Luz desfilou, no mesmo dia, no circuito principal Maneca Ferreira. Os blocos afros desfilaram no sábado (20) e domingo (21), as escolas de samba encerraram a Micareta e a atração principal foi o bloco de capoeira Ginga Menino.

6 Animação

Um dos blocos que acalorou o folião na estreia da micareta foi o “O Bloco de Matilde”. A animação dos foliões ficou a cargo da banda Jonas Esticado, com seu forró eletrizado, e encantou a simpatia do público, que o acompanhou e cantou com o grupo. Outro que surpreendeu as expectativas do público foi o Baba Bronze Trotte, que foi puxado pela banda Pagode e Segredo. Foi um verdadeiro pancadão. Yago, o ‘Danadinho delas’, vocalista mirim da banda La Fúria, causou FRISSON na avenida. Mostrou talento e personalidade.

7 Realeza da Micareta

No Camarote da Diversidade o rei momo da Micareta (2017) Newton Tavares Neto, a rainha da micareta Jaíze dos Santos e as princesas Alana Almeida e Suzana Ferreira, receberam suas coroas, faixas, cetro e chave da cidade. A rainha e princesas representam a beleza e a elegância da mulher feirense.

Considerações Finais

A festa de momo feirense acompanhou a evolução cultural e tecnológica. No início eram só os baianos (feirenses, capital e interior) que desfrutavam da festa, hoje, cidades brasileiras seguem o modelo da festa de Carnaval (Micareta) dos feirenses, os meios de comunicação, rádio, televisão, *sites*, *blogs*, transmitem em tempo real, para a Bahia, o Brasil e o Mundo, a alegria do folião, além de mostrar a infraestrutura do circuito da festa, a evolução comercial midiática, os artistas convidados e contratados, os trios elétricos, e manter a tradição da festa através da renovação de novos membros das famílias ao longo do tempo, como forma de preservar o passado “animação dos foliões”, numa nova metodologia sócio cultural.

Referências Bibliográficas

- Azevedo, E. (s.d.). Disponível www.terradelucas.com.br em 18 de novembro de 2009.
- Cauquelin, A. (2005). *Arte contemporânea: uma introdução* (Trad. R. Janowitz). S.P.: Martins Fontes.
- Eagleton, T. (2003). *A idéia de cultura* (pp. 160-161). São Paulo: Fundação Editora Unesp (FEU), tradução brasileira.
- Goldberg, R. (2006). *A arte da performance: do futurismo ao presente* (p. 149) (trad. J. Camargo). S.P.: Martins Fontes.
- Yúdice, G. (2004). *A conveniência da cultura: uso da cultura na era global* (trad. M. A. Kremer). B.H.: Editora UFMG.
- Micareta de Feira (s.d.). Disponível www.porsimas.blogspot.com, acesso em 18 de novembro 2009.
- Micareta de Feira (s.d.). Disponível www.estevesporai.blogspot.com, acesso em 21 novembro de 2009.
- Reis, J. J. (1988). *Escravidão & invenção da liberdade* (p. 264). São Paulo: Editora Brasiliense S.A.